

O campo de abacaxis

(adaptado de “A verdadeira felicidade”, de Jaime Kemp, Sepal)

Essa é uma história verídica. Aconteceu na Nova Guiné e durou sete anos. É uma ilustração humorística, mas profunda, de um importante princípio bíblico. Este relato é um exemplo típico da luta que enfrentamos até aprendermos a renunciar aos nossos direitos pessoais.

Minha família e eu trabalhamos como missionários com pessoas no meio da selva. Um dia resolvi trazer para aquela região alguns abacaxis. O povo já tinha ouvido falar deles; alguns já os tinham provado, mas não tinham meios de consegui-los. Busquei, então, mais de cem mudas de outra missão. Depois, contratei um homem da aldeia, que as plantou para mim. Eu paguei seu trabalho, é claro; dei-lhe sal e diversas outras coisas que precisava. Precisei ter muita paciência até que as pequenas mudas se tornassem arbustos grandes e produzissem abacaxis. Demorou uns três anos.

Lá no meio da selva, às vezes ficamos com saudades de frutas frescas. Não é fácil conseguir frutas ou verduras frescas. Finalmente, no terceiro ano, surgiram abacaxis que davam água na boca. Só estávamos esperando chegar o fim do ano, porque é nesta época que ficam maduros. No Natal, minha esposa e eu saímos ansiosos para ver se algum abacaxi já estava pronto para ser tirado do pé. Contudo, tivemos uma surpresa desagradável! Não conseguimos colher nem um só abacaxi, porque os nativos roubaram todos! Eles os roubavam antes de estarem maduros; é um costume deles.

Então, aqui estou eu, um missionário, com raiva destas pessoas. Missionários não deveriam ficar com raiva; todos sabem disto. Mas eu fiquei. Eu disse a eles: “Rapazes, esperei três anos por estes abacaxis. Não consegui colher nenhum. Agora há outros ficando maduros. Se desaparecer mais um só destes abacaxis, eu fecho minha clínica”. Minha esposa dirigia uma clínica. Ela dava todos os remédios de graça àquela gente. Não pagavam nada. Estávamos nos gastando tentando ajudar esta gente, cuidando dos seus doentes, salvando a vida das suas crianças.

Um por um os abacaxis ficaram maduros, e um por um foram roubados. Então achei que deveria me defender destas pessoas. Eu simplesmente não podia deixar que fizessem comigo o que quisessem. A verdadeira razão não era essa. Eu sou muito egoísta. Queria comer abacaxis. Fechei a clínica. Eles deixaram suas crianças morrer. Não podiam evitar. A vida era difícil naquela região. Vinham pessoas com gripe, tossindo e pedindo um remédio, e nós dizíamos: “Não! Lembrem-se que vocês roubaram nossos abacaxis”. “Não fui eu!”, respondiam, “foram outros”. E continuaram tossindo e pedindo. Não conseguimos manter nossa decisão. Eu me entreguei: “Está bem, amanhã de manhã reabriremos a clínica”.

Abrimos a clínica e continuaram roubando os nossos abacaxis. Fiquei de novo louco de raiva. Cara! Sem-vergonhas! Finalmente descobrimos quem estava fazendo isto: o mesmo homem que plantara os abacaxis. Eu o chamei e disse: “Meu amigo, por que você está roubando meus abacaxis? Você é meu jardineiro!”. Ele respondeu: “Minhas mãos os plantaram, minha boca os come”. Esta é a lei da selva. O que eles plantam é deles. Nunca tinham ouvido de pagamento por serviço prestado. Por isso ele disse: “são todos meus”. “Claro que não! São meus”, eu respondi. “Eu o paguei para plantá-los para mim!”. No entanto, ele não conseguia entender como isto fazia com que as plantas fossem minhas. Pensei: “Bem, o que devo fazer? Isto é uma lei da tribo. Acho melhor aprender a viver conforme as suas regras”. Então lhe disse: “Está bem, eu lhe darei a metade destas plantas. Daqui até lá é tudo seu. Todo abacaxi que amadurecer é seu. Estes aqui são meus”. Ele fez de conta que concordou. Mas meus abacaxis continuaram desaparecendo.

Então pensei: “Talvez eu deva lhes dar estes abacaxis, e arranjar outros para mim”. Sabia que teria de esperar mais três anos. Foi difícil tomar esta decisão. Finalmente lhes disse: “Vejam, eu vou lhes dar todos estes abacaxis e começar tudo de novo. Façam uma plantação para vocês e tirem estas mudas do meu terreno, para eu plantar novas. Não quero seus abacaxis em meu terreno”. Eles disseram: “Tu-uan (que significa estrangeiro), o senhor terá de nos pagar”. “Ora, vejam!”, respondi.

“O senhor está nos pedindo que tiremos seus pés de abacaxi daqui, e isto é trabalho”, disseram. Então eles eram meus? Respondi: “Está bem, eu lhes pagarei o salário de um dia de trabalho. Tirem todos daqui”. Porém, eles continuaram: “Não temos nenhum campo preparado. O senhor vai nos pagar para prepararmos um?”. “Esqueçam!”, eu disse. Estava “passado” com eles.

À minha esposa eu disse: “Isto não é possível! Estou com vontade de pagar alguns rapazes para que os joguem no monte de lixo! Então, se alguém quiser, que os pegue de lá”. E foi isto que fizemos. Arrancamos todos os pés de abacaxi e os jogamos fora. Foi uma trabalhadeira! Eram pés bonitos e vistosos.

Depois comprei novas plantas. E disse a eles: “Prestem bem atenção. Vou pagar vocês pelo serviço. Mas eu e minha família vamos comê-los, vocês não comerão nenhum”. “O senhor não pode fazer isto”, responderam. “Se nós os plantamos, nós os comemos”. “Vejam”, tentei explicar, “eu não tenho tempo para cuidar da plantação. Tenho muitas coisas para fazer. Vocês são tantos e eu sou só um. Vocês vieram aqui para me ajudar. Quero que vocês os plantem, mas eu vou comê-los. Vou pagar vocês pelo serviço.”, continuei, “O que vocês querem? Eu lhes darei esta faca boa se vocês fizerem o serviço”. Eles começaram a cochichar: “Ele quer nos dar aquela faca para poder comer dos nossos abacaxis”. E concordaram.

Durante os próximos três anos, eu repeti ao rapaz que os plantava: “Quem vai comer estes abacaxis?”. “O senhor”, ele respondia. “Muito bem. Você ainda tem a faca?”. “Sim”, foi a resposta. “Tome bem conta dela”, eu lhe recomendava. Se ele perdesse a faca, eu teria dificuldades outra vez. O pagamento não existiria mais.

Finalmente, depois de mais três anos, os abacaxis começaram a amadurecer. Novamente minha esposa e eu andamos pela plantação. Eu exclamei: “Que bom! Daqui a pouco poderemos colher os nossos abacaxis”. Começamos a agradecer a Deus por ter nos dado estes abacaxis. Mas você já imagina o que aconteceu... Todos foram roubados! Eu via os nativos passearem pela plantação durante o dia para ver quais abacaxis estavam amadurecendo, para não perderem tempo procurando-os à noite. Comecei a pensar: “O que fazer? Não podemos fechar a clínica. Pois vamos fechar o armazém”. No armazém eles compravam fósforos, sal, anzóis e coisas assim. Antes eles não tinham estas coisas, por isso não iriam morrer sem elas. Comuniquei-lhes minha decisão: “Vou fechar o armazém. Vocês roubaram mais abacaxis”. Fechamos o armazém e eles começaram a resmungar: “Vamos nos mudar daqui porque não temos mais sal. Se não há mais armazém, não há vantagem para ficarmos aqui com este homem. Podemos voltar para nossas casas na selva”. E se mudaram para a selva.

Ali estava eu sentado, comendo abacaxis, mas não havia mais pessoas na aldeia. Eu não tinha mais ministério. Falei com minha esposa: “Podemos comer abacaxis nos Estados Unidos, quero dizer, se é só isso que temos para fazer”. Um dos nativos passou por ali e eu lhe disse que avisasse os outros que segunda-feira eu abriria novamente o armazém.

Pensei e pensei. Como vou comer estes abacaxis? Deve haver uma maneira. Tive uma ideia: um cão pastor! Arranjei o maior pastor alemão que consegui encontrar e o soltei na plantação. Ficaram com medo dele. Nunca tinham visto um cachorro tão grande; só tinham cachorros pequenos. O cachorro resolveu a questão. A maioria não arriscava mais se aproximar. Só que agora tínhamos o mesmo problema anterior. As pessoas não vinham mais. Eu não tinha ninguém a quem falar. Não consegui ninguém que me ajudasse a aprender a língua. “O que vou fazer?”, pensei. O cachorro também não era a solução. Além disso, ele namorou com a cachorrada da aldeia e produziu um mestiço selvagem e esfomeado. O médico deles me mandou dizer: “Se alguém for mordido por este cachorro, não vou tratá-lo, mesmo se for filho seu”. Ele estava usando contra mim as mesmas táticas que eu usara contra os nativos. Falei à minha esposa: “Temos que nos livrar deste cachorro”. E foi o que eu fiz. Não foi fácil. Depois que o cachorro se foi, os nativos voltaram. Daí não havia mais abacaxis. Pensei de novo: “Meu Deus, deve haver um jeito! O que posso fazer?”.

Chegou o tempo da minha licença e aproveitei para ir a um Curso Intensivo para Jovens. Lá ouvi que devemos entregar tudo a Deus. A Bíblia diz que se você der, você terá; se você quiser guardar

para si, vai perder tudo. Dê todas as suas coisas a Deus e zelará para que você tenha o suficiente. Este é um princípio básico. Pensei nisto: “Amigo, você não tem nada a perder. Vou dar este campo de abacaxis a Deus, porque não consigo mesmo comê-los”. Sabia que não é fácil fazer um sacrifício. Sacrificar significa entregar algo de que você gosta muito. Todavia, decidi dar a plantação a Deus e ver o que ele faria. Pensei comigo: “Quero só ver como ele vai conseguir fazer”.

Assim, saí para a plantação à noite. Todo mundo tinha ido para casa. Eu não queria que alguém me visse ali orando. “Senhor, estás vendo estes pés de abacaxi?”, orei. “Lutei muito para colher alguns. Discuti com eles. Exigi meus direitos. Tudo isso foi errado, compreendo isto agora. Reconheço o meu erro e quero entregar tudo ao Senhor. De agora em diante, se o Senhor quiser me deixar comer algum abacaxi, tudo bem. Podes dá-los a nós. Se não quiseres, tudo bem também. Não tem problema”. Assim dei os abacaxis a Deus e os nativos continuaram roubando-os, como de costume. Pensei com meus botões: “Viu? Deus também não pode controlá-los”.

Então, um dia, vieram falar comigo: “Tu-uan, o senhor se tornou cristão, não é verdade?” Eu estava pronto para dizer: “Escute aqui, eu sou cristão há vinte anos!”, mas em vez disto perguntei: “Por que perguntam?”. “Porque o senhor não fica mais com raiva quando roubamos os seus abacaxis”, responderam. Isto me abriu os olhos. Finalmente estava vivendo o que pregara a eles. Eu lhes tinha dito que se amassem e fossem gentis, mas sempre exigira os meus direitos; eles sabiam disso.

Enfim alguém mais inteligente começara a pensar: “Por que o senhor não fica mais com raiva?”. “Eu dei a plantação adiante”, respondi, “ela não pertence mais a mim. Por isso vocês não estão mais roubando meus abacaxis. Eu não tenho mais motivos para ficar com raiva”. Um deles pensou um pouco e perguntou: “A quem o senhor deu a plantação?” Todos começaram a cochichar: “Foi a você? De quem ela é agora, afinal?”. Então eu disse: “Dei a plantação a Deus”. “A Deus?”, disseram, “ele não tem abacaxis onde mora?”. “Eu não sei se ele tem ou não abacaxis onde mora”, respondi, “simplesmente lhe dei os abacaxis”.

Eles voltaram para a aldeia e disseram a todo mundo: “Vocês sabem de quem estamos roubando os abacaxis? Tu-uan os deu a Deus”. Todos começaram a pensar sobre isto. Mais tarde, um grupo voltou: “Tu-uan, o senhor não deveria ter feito isto. Por que o senhor não os pede de volta? É por isso que não conseguimos pegar os porcos-do-mato quando caçamos; nossos bebês ficam doentes; nossas esposas não têm nenês; os peixes não mordem a isca”. Combinaram entre si: “Se os abacaxis são de Deus agora, não devemos mais roubá-los, não é?”. Eles tinham medo de Deus.

Os abacaxis novamente começaram a amadurecer. Os nativos vieram me avisar: “Tu-uan, seus abacaxis estão maduros”. “Não são meus”, respondi, “pertencem a Deus”. “Mas vão apodrecer”, insistiram, “é melhor o senhor colhê-los”. Então colhi alguns e deixei também os nativos pegarem alguns.

Quando me sentei com minha família para comê-los, orei: “Senhor, estamos comendo seus abacaxis. Muito obrigado por nos dar alguns”. Durante todos aqueles anos os nativos estiveram me observando e prestando atenção às minhas palavras. Eles viam que as duas coisas não combinavam. Quando comecei a mudar, eles também mudaram. Em pouco tempo muitos se tornaram cristãos. O princípio de dar a Deus funcionou realmente. Quase não acreditei. [...]

Certo dia, achei algo na Bíblia que não tinha notado antes. “Quando entrardes na terra, e plantardes toda sorte de árvore de comer, ser-vos-á vedado o seu fruto: três anos vos será vedado; dele não se comerá. Porém, no quarto ano todo o seu fruto será santo, será oferta de louvores ao Senhor. No quinto ano comereis fruto dela para que vos faça aumentar a sua produção: Eu sou o Senhor, vosso Deus” (Lv 19.23-25). Finalmente entendi. Deus nem queria que eu comesse daqueles abacaxis no primeiro ano em que ficaram maduros! Ele queria que eu os dedicasse a ele. Depois Deus queria que eu os desse aos nativos, para que pudessem ver minhas boas obras e glorificar o Pai que está nos céus. Se tivesse feito isto, os nativos teriam insistido para que eu comesse os abacaxis no quinto ano. Todos esses problemas eu poderia ter evitado!